

## Acervo Revelado<sup>1</sup>

### Higiene: algumas práticas no corpo e na casa

3º Trimestre de 2018

Erica de Oliveira

Analista de Preservação e Pesquisa

Os padrões de higiene são bastante relativos conforme tempo, sociedade e lugar, e envolvem tecnologias, materiais, e práticas distintas. Atualmente, estamos acostumados a lidar com regras sobre a higiene da casa, em relação aos alimentos e ao corpo bastante determinadas pelo que é considerado saudável, mas também pelo que é esteticamente aceitável. Portanto, padrões diretamente atrelados a certo conceito do que é limpeza e sujeira. O Museu da Casa Brasileira possui em seu acervo algumas peças relacionadas as práticas de higiene na casa, entre elas: um jarro e uma bacia (usadas em conjunto) e uma cadeira retrete (ou cadeira sanitária) - imagens 1, 2 e 3 abaixo. Nesse artigo, falaremos um pouco sobre como estes objetos eram usados, quais parâmetros de higiene envolvidos, e sua relação com a casa e o corpo.

Imagem 1



Foto Chema Llanos

Bacia  
Johnson Brothers (fabricante)  
Final do século XIX  
Inglaterra  
Porcelana  
13,5x42 AxD (cm)  
Doação de Geraldo de Menezes Gomes /  
Acervo do Museu da Casa Brasileira

Imagem 2



Foto Chema Llanos

Jarro  
J & G Meakin (fabricante)  
Final do século XIX  
Inglaterra  
Porcelana  
30,5x20x27 AxDxP (cm)  
Doação de Geraldo de Menezes Gomes /  
Acervo do Museu da Casa Brasileira

<sup>1</sup> Este é o oitavo artigo do projeto "Acervo Revelado" que tem como objetivo apresentar ao público pílulas de informação sobre peças do acervo do Museu da Casa Brasileira. É também intenção desta ação que o público possa contribuir com informações sobre os objetos apresentados aqui e nos demais artigos já publicados no site do MCB.

Imagem 3



Cadeira sanitária ou retrete  
Século XIX  
Ilha Bela, São Paulo  
Imbuia e metal  
88,2x64x55,5 A x L x P (cm)  
Transferência do Museu de Arte Sacra /  
Acervo do Museu da Casa Brasileira

Foto Rômulo Fialdini

## A casa e o corpo

Como tratamos em outros artigos, o século XIX marca importantes transformações no espaço da casa. A crescente urbanização e separação entre local de trabalho e moradia demarcaram uma maior distinção entre o *público* e o *privado* e provocaram alterações no padrão do espaço doméstico. Ao mesmo tempo em que ocorre um progressivo esvaziamento das atividades econômicas da casa, seu arranjo é incrementado por meio da decoração (CARVALHO, 2003). Os cômodos se especializam, ganham móveis fixos e se enchem de objetos associados ao morador e ao seu gosto pessoal. A configuração do mobiliário passa a ser integrada como um arranjo coerente, em que cada parte cumpre sua função dentro da ordem familiar e também das normas de etiqueta (BAUDRILLARD, 2009). Desenvolve-se, assim, a noção de domesticidade, entendida como:

[...] o conjunto de emoções sentidas e não um único atributo. Está relacionada à família, à intimidade, à devoção ao lar, assim como uma sensação da casa como incorporadora – e não somente abrigo – desses sentimentos. (RYBCZYNSKI, 1996, p. 85).

A casa burguesa e urbana do século XIX passa a proporcionar espaços de solidão, de um relacionamento mais íntimo da pessoa com seu próprio corpo através do isolamento em quartos individuais, cria uma atmosfera de conforto voltada para a pessoa que é ali acolhida. Enquanto novo *locus* de interioridade subjetiva, o interior doméstico emerge, assim, como um conceito e uma manifestação material (RICE, 2007). E se, no Brasil, até o século XIX os móveis eram pouco adornados e com múltiplas funções - como, por exemplo, os baús e canastras, que serviam como móveis de guarda, de assento e de apoio -, desde então passam a ser objeto do que Marize Malta (2012) denomina por olhar

decorativo. Cada peça, cada objeto, adorna-se, adquire detalhes, volutas, frisos, entalhes, estampas. Até mesmo os objetos relacionados às ações de menor visibilidade. Assim, o ato de decorar se relaciona intimamente à maneira pela qual estas casas passaram a ser vistas por seus moradores (MALTA, 2012).

O entendimento com relação ao corpo físico, como qualquer coisa na história, também não é estanque, e a nossa atual percepção de que corpo e psicológico estão integrados de tal maneira, por exemplo, que muitas doenças podem surgir a partir de processos emocionais, não é em nada trivial. O *cogito* de Descartes (“penso logo existo”) pressupõe uma separação entre o corpo e a mente, com privilégio para o pensamento abstrato enquanto elemento desencarnado; o sentimento de existência se daria, portanto, fora dos sentidos corporais (VIGARELLO, 2016). Não queremos com isto afirmar que uma concepção superou a outra simplesmente, visto que o ocidente é bastante marcado pela ideia da existência de um eu interior essencial e profundo, que se acha abstrata e independentemente da matéria. A partir de obras como a de Denis Diderot que vimos emergir formulações que dão importância para a relação entre a pessoa e seu organismo físico. Diderot mostra, a partir da análise de sonhos, como a perda das referências corporais ou a alteração nelas gera impactos na percepção do eu (VIGARELLO, 2016).

As mudanças em relação ao entendimento e tratamento dos corpos dizem respeito ainda à crescente medicalização que permeou o século XIX. Tânia Andrade Lima (1996), ao examinar o material destinado à excreção recolhido em buscas arqueológicas no Rio de Janeiro, percebe uma grande preocupação da sociedade carioca oitocentista com as atividades de evacuação e seu estímulo por meio de recursos artificiais. Sobreviveu neste século uma tradição vinda da medicina hipocrática, datada da antiguidade, que pressupunha que as alterações na saúde se davam em razão do desequilíbrio do corpo, visto como um organismo total. De acordo com esta perspectiva, a saúde dependeria do equilíbrio do que se chamava *humores*: o sangue, a pítuita (catarro), a bile amarela e a bile negra, caracterizados por sua fluidez, miscibilidade, e pela condição de suporte das quatro qualidades naturais existentes na água, no fogo, ar e terra, ou seja, quente, frio, úmido e seco. Dessa forma, o sangue era definido como quente e úmido; a pítuita, fria e úmida; a bile amarela, quente e seca; e a bile negra, fria e seca. O catarro, a bile e a urina, tornavam-se visíveis durante os momentos de desequilíbrio, de tal maneira que deviam ser expelidos, ou induzidas a isso, por exemplo, através do uso de sanguessugas para sangrias, purgantes para a evacuação, e do uso da escarradeira para o catarro constantemente cuspidos. Assim, o organismo se manteria desobstruído e equilibrado (LIMA, 1996).

Outro elemento importante foi o conjunto de medidas sanitárias e o incentivo a certas práticas de higiene como forma de combater as diversas doenças contagiosas. Ocorre nesse período, pelo menos entre as camadas médias e abastadas, um processo de separação dos corpos com o avanço do quarto individual – cômodo mais privado da casa até a consolidação do banheiro no final do século –, que torna o contato com o próprio corpo mais íntimo em razão da solidão experienciada (CORBIN, 2009). Até meados do século XIX, a teoria miasmática era a que explicava a proliferação de doenças. As moléstias surgiam a partir de um processo de combustão espontâneo que ocorria em lugar poluído. Ou seja, as doenças eram transmitidas pelo ar e o jeito mais eficaz de evitar contaminações era privilegiar a ventilação. O princípio miasmático foi substituído pela teoria microbiana entre as décadas de 1860 e 1880. A circulação de ar não era mais uma forma de prevenção, e tudo que pudesse ser transmissor de doenças passou a ser combatido. No final do século XIX e início do XX, começou-se a considerar a sujeira cada vez mais alarmante e criou-se um clima de ansiedade entre a população com relação à limpeza (FORTY, 2007).

Tal preocupação reverberou no design dos objetos, principalmente a partir do início do século XX, com a criação de geladeiras, banheiras, e eletrodomésticos com aparência asséptica, privilegiando o uso de materiais como porcelana nas banheiras e urinóis e também nas latrinas, em substituição às cadeiras retretes em madeira. A mudança

de materiais ocorre também na fabricação de objetos e móveis hospitalares; o estanho é substituído pela porcelana e as camas passam a ser fabricadas em metal. Dessa forma, no início do século XX, a higiene passa a ser um elemento do design tão importante quanto o gosto, a utilidade e o conforto. A própria redução dos elementos decorativos em relevo tem também o objetivo de evitar acúmulo de sujeira (FORTY, 2007).

### Algumas práticas

A casa do século XIX especializa os cômodos através da estabilização das atividades desempenhadas em cada um deles e também dos móveis e objetos apropriados a determinados usos. Contudo, o banheiro e as atividades a ele hoje associadas como o banho, lavagem das mãos, rosto, e a evacuação, só se consolida como cômodo a partir do final do século. A água encanada é o principal fator de organização deste espaço vinculado às políticas sanitárias que envolviam o meio urbano (PAULILLO, 2017). Entretanto, mais uma vez é importante destacar que esse processo não ocorre de forma linear e tampouco homogênea dentro das cidades e entre as cidades. Para o caso de São Paulo, por exemplo, Clarissa Paulillo (2017) observa que apesar de existirem leis regulamentando a implementação do banheiro na casa, seu estabelecimento era uma tarefa do morador, o que terminava por esbarrar em contingências próprias das realidades particulares (PAULILLO, 2017).

Lavar mãos, rosto, a evacuação, o banho, são atividades que se acomodaram no século XIX em locais não especificamente destinados a elas, até ganharem seu ambiente próprio em um paulatino processo de privatização. Para se ter uma ideia do caráter público que essas práticas já tiveram, Norbert Elias menciona que, até o século XVIII na Europa, havia nos manuais de condutas regras no sentido de proibir a defecação em público, como em escadas e ruas, e recomendava-se ainda que não se falasse ou cumprimentasse uma pessoa quando ela estivesse urinando ou evacuando (LIMA, 1996).

Significativo dos esforços em ocultar tais atividades dos olhos de terceiros e da própria pessoa é a disseminação das retretes e mesas de cabeceira para urinóis. As retretes eram caixas ou cadeiras com tampas que escondiam o urinol. As cadeiras possuíam orifício (também com tampa) em que era possível defecar ou urinar sentado. As mesas de cabeceira possuíam um compartimento específico que escondia visualmente o urinol com os dejetos e abafava o mal cheiro. Em uma busca nos periódicos oitocentistas<sup>2</sup> encontramos diversos anúncios de leilões em que estas peças são listadas junto aos móveis dos quartos, indicando seu uso neste cômodo. Podemos também observar esta prática em referências literárias do período: "Ao lado da cama. A que não se podia subir sem o auxílio de uma cadeira, estendeu-se um tapete já surrado, mas onde se distinguia ainda o desenho de um leão em repouso; a um canto do quarto uma retrete com braços [...]"<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> É possível realizar a pesquisa em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, o material é protegido por direitos autorais.

<sup>3</sup> (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro AZEVEDO, Aluísio. O Homem (1887). São Paulo, Martins Editora, 1970. p. 190). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19290/19458. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>

Embora fosse mais raro, poderia ainda existir o quarto de retrete (LIMA, 1996). Entretanto, apesar destes móveis estarem mais assentados nos quartos, é importante destacar que eles eram facilmente transportáveis, o que pode indicar certa maleabilidade de lugar e/ou o compartilhamento.

No conjunto de registros do National Trust Images do Reino Unido podemos observar exemplares<sup>4</sup> da caixa<sup>5</sup> e da mesa de cabeceira<sup>6</sup> com o urinol, e ainda um objeto bastante interessante e demonstrativo do esforço de ocultamento das atividades de excreção e do compartilhamento de funções dos móveis: uma escada<sup>7</sup> que servia ao mesmo tempo para ajudar a subir na cama e para guardar o urinol. Vale salientar que o ato de encobrir a atividade ou vestígio dela se dava pela dissimulação em outros móveis e não necessariamente pela criação de um móvel próprio para este fim, exceto no caso da cadeira retrete.

Tania Andrade Lima (1996) chama a atenção para a elevação proporcionada pelas cadeiras retretes ao ato de evacuar e para a maior higienização através das tampas e portas, que além de encobrir o cheiro, vedavam a dispersão de bactérias para o resto do ambiente. A cadeira retrete retira a pessoa da posição de cócoras exigida pelo urinol e a coloca sentada, o que gera maior conforto e demonstra dignificação. Esta operação reverbera também no aspecto estético. Paulillo (2017) cita referências a modelos de cadeiras ricamente adornadas, fabricadas com tampos de mármore, estofada, revestida com veludo, palhinha e em madeira envernizada. Esses detalhes demonstram uma preocupação com a decoração, mas que aos olhos do século XXI parecerá pouco higiênico, visto que a madeira, o tecido e o estofamento retêm as impurezas em sua superfície, mas que em relação às práticas anteriores representavam grande mudança.

A cadeira retrete do acervo MCB (imagem 3) é feita em imbuia, com contornos retos, abertura lateral para a retirada do urinol, orifício central no acento em formato oval e tampa. Lima (1996) menciona que as retretes masculinas e femininas diferiam pelo formato do orifício, sendo a feminina a que possuía apenas um círculo e a masculina a que a abertura delineava a anatomia peniana. O item de nossa coleção trata-se, portanto, de uma cadeira feminina que pertenceu a Fazenda São Matias, conhecida como “A feiticeira”, localizada em Ilha Bela e cuja construção é datada do período colonial. Além disso, retretes poderiam também ser coletivas, modelo que foi comum até o século XVI, e nesse caso tinham mais de um furo. A autora nota ainda que o vaso sanitário foi criado em 1596 por John Harington, mas a invenção só foi retomada após três séculos (LIMA, 1996). No Brasil escravista, a remoção dos dejetos era feita pelas pessoas escravizadas, responsáveis pela retirada e transporte dos resíduos dos objetos e da dentro da casa. Tal trabalho era executado à noite e mantinha os senhores longe de seus próprios excrementos (LIMA, 1996; PAULILLO, 2017).

Tais práticas partiram, portanto, da exposição pública à progressiva criação de recursos de privatização, que aos poucos as levariam ao confinamento em um espaço exclusivo e totalmente individual. Em paralelo, a sociedade oitocentista consumiu amplamente produtos laxantes, tais como como óleos de rícino, magnésia, pílulas vegetais e elixires. Estes produtos eram anunciados nos jornais da época, o que demonstra a normalidade em falar de tais atividades, bem como o estímulo a elas (LIMA, 1996). Considerando ainda a não linearidade das transformações de comportamento e práticas, vale lembrar que o hábito de guardar um penico no quarto para ser usado durante a noite

---

<sup>4</sup> As imagens do National Trust Images são protegidas por direitos autorais e seu uso, ainda que não comercial, requer pagamento. Contudo, tratam-se de imagens de peças que ilustram muito bem os objetos aqui mencionados, por isso, cada vez que citamos uma delas, será disponibilizado em nota de rodapé o link que dará acesso a imagem e a ficha do objeto mencionado.

<sup>5</sup> Visualize a imagem e a ficha em <http://www.nationaltrustcollections.org.uk/object/930773.1>

<sup>6</sup> Visualize a imagem e a ficha em <http://www.nationaltrustcollections.org.uk/object/1147150.2>

<sup>7</sup> Visualize a imagem e a ficha em <http://www.nationaltrustcollections.org.uk/object/1147221.3>

persistiu até a contemporaneidade, principalmente em decorrência do estabelecimento do banheiro fora da casa, mas também após a sua interiorização.

No que se refere à limpeza corporal propriamente dita, também ocorria uma dispersão destas atividades. A ausência de água encanada requeria que a água fosse armazenada em recipientes e, por consequência, o consumo era feito em menor quantidade do que o padrão estabelecido a partir das instalações hidráulicas (PAULILLO, 2017). Os banhos poderiam ser realizados em bacias, tinas, dentro dos quartos ou nos quartos de banho, cômodos reservados exclusivamente para este fim. Abaixo, podemos observar um caso em que a casa comporta um quarto de banho localizado fora da estrutura de sua estrutura principal:

"Encaminhou-se então Lemos com Seixas para aquela parte da casa onde ficavam os aposentos, que Aurélia destinara a seu marido [...] - Vou ter a satisfação de o instalar em seus novos aposentos. Aqui está o seu gabinete de trabalho; ali é o toucador; deste lado do jardim fica um quarto de banho, e uma saleta de fumar com entrada independente para receber seus amigos."<sup>8</sup>

Vale notar ainda que o ato de tomar banho foi permeado por normas que recomendavam tanto sua frequência, quanto o uso de roupas específicas para isso (CORBIN, 2009). No ocidente, prevaleceu por muitos séculos uma reprovação ao banho sob argumentos baseados na teoria miasmática. Temia-se a transmissão de doenças que entrariam no corpo através dos poros, assim como cria-se que o contato com a água enlanguesceria os músculos (PAULILLO, 2017). O uso da segunda pele para os banhos relacionava-se, assim, tanto às concepções sobre prevenção às moléstias, quanto aos aspectos morais envolvidos na manipulação do corpo. Corbin (2009) menciona que, na França, usava-se pigmentos na água das bacias e banheiras para que o corpo pudesse ser encoberto (CORBIN, 2009). No século XIX, o banho passa a ser visto por suas propriedades terapêuticas e era recomendado pelos médicos. No Brasil, os banhos eram preparados por pessoas escravizadas, que auxiliavam também os senhores e senhoras a se despir e vestir. Em caso de pessoas abastadas, preparar o banho significava além de amornar a água e coloca-la na banheira/bacia, acrescentar outras substâncias, como vinagres e aromatizantes:

"Foi já nervosa que ela, ao chegar à casa, disse à criada [...]. - Sirva-me um banho tépido com bastante vinagre de Lubin, e tire um 'pegnoir' daqueles que estão na caixa de seda cor-de-rosa; a ceia que lhe encomendei traga-a para a saleta de alcova, não precisa deixa-la à mostra, ponha-a sobre a mesa de charão [...]"<sup>9</sup>

A limpeza de partes do corpo, como lavagem das mãos, rosto e pés era bastante recorrente. Oferecia-se um jarro e bacia com água para os hóspedes como sinal educação. Da mesma maneira que os convidados da casa e seus membros também tinham a sua disposição o par de objetos para lavar as mãos antes das refeições. Era comum também a lavagem noturna dos pés antes de dormir (PAULILLO, 2017):

<sup>8</sup> ALENCAR, José de. Senhora (1875). São Paulo, Editora Ática, 1971. p. 68. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19290/19458. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>

<sup>9</sup> AZEVEDO, Aluísio. A Condessa Vésper (1877-1882). 10ª edição, São Paulo, Martins Editora/ Instituto Nacional do Livro (MEC), 1973. p. 282. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19290/19458. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>

"Vieram-me à mente os costumes orientais quando, logo depois de me ter livrado do grosso da poeira, uma negra trouxe-me um banho para os pés, prestando-me ao mesmo tempo ao modo do país os seus serviços. Este ato faz parte da hospitalidade na maioria das casas brasileiras no campo [...]"<sup>10</sup>

Os jarros e bacias geralmente utilizados para lavar mãos e rosto obviamente podiam ser transportadas para que a atividade fosse realizada em diversos lugares, mas modelos como os existentes no acervo MCB costumavam ficar dispostos em lavatórios, que eram uma espécie de penteadeira com tampo de mármore e espelho, ou um tipo de mesa também com espelho. Este móvel localizava-se geralmente nos quartos, ou em um cômodo específico chamado de toucador, destinado à toailete - entendida como o conjunto de atividades relacionadas ao asseio e embelezamento do corpo. Entre as camadas abastadas, os lavatórios podiam ser adornados e enriquecidos: "Havia água no jarro de porcelana de Sèvres, que ornava o rico lavatório de pau-cetim."<sup>11</sup>. Contudo, na falta do móvel especificamente destinado a este fim, ocorria o improviso:

"O aposento era de uma pobreza e nudez que pouco distava da miséria. Entre as quatro paredes que compreendiam o espaço de uma braça esclarecido por uma janela estreita, via-se a cama de lona pobremente vestida, uma mala de viagem, a carteira e o tamborete. Nos umbrais da porta, dois ganchos que serviam de cabide. Na janela, cuja soleira fazia as vezes de lavatório, estavam o jarro e a bacia de louça branca, uma bilha d'água, e um copo com um ramo de flores murchas. Junto à cama, em uma cantoneira, um castiçal com uma vela e uma caixa de fósforos. Sobre a carteira, papéis e livros de escrituração mercantil. Era toda a mobília."<sup>12</sup>

<sup>10</sup> CANSTATT, Oscar. Brasil, a Terra e a Gente (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p.330. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19290/19458. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>

<sup>11</sup> ALENCAR, José de. Senhora (1875). São Paulo, Editora Ática, 1971. p. 124. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19290/19458. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>

<sup>12</sup> ALENCAR, José de. A Viuvinha (1844-1857). São Paulo, Edições Melhoramentos, s.d. p. 120-1. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 19290/19458. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>

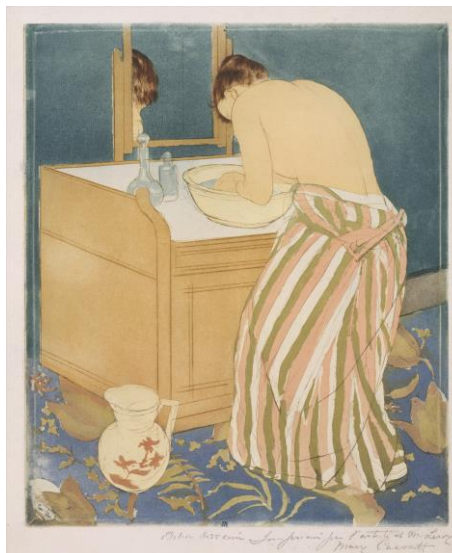
Imagem 4



Foto Rômulo Fialdini

Lavatório  
Século XIX  
201x223,5x62 AxLxP (cm)  
Legado de Alfredo de Mesquita  
Acervo do Museu da Casa Brasileira  
Exemplo de móvel usado para as atividades de  
higiene e toalete.

Imagem 5



Mulher tomando banho<sup>13</sup>  
*Woman Bathing (La Toilette)*  
Mary Cassatt  
1890–1891  
Acervo do Metropolitan Museum of Art

Os materiais utilizados na fabricação dos jarros e bacias de toalete poderiam variar entre a porcelana e o metal; e em caso do último, era comum o uso do estanho. O par existente no acervo MCB é em porcelana e, apesar de possuírem padrão semelhante de estampa, não formam um conjunto; se quer foram fabricados pela mesma empresa. No entanto, tais peças foram doadas pelo mesmo proprietário e deveriam de fato ter sido usadas em conjunto devido as semelhanças no padrão e a função complementar já mencionada.

A bacia foi produzida pela manufatura inglesa J&G Meakin, fundada em 1851, em Hanley, Staffordshire, pela família Meakin; fábrica que teve alta produção e exportação. Enquanto o jarro, foi fabricado pela Johnson Brothers, fundada em 1883 por dois filhos (Alfred e Frederick) do patriarca da família Johnson, Robert Johnson, também em Staffordshire. Johnson Brothers foi uma das firmas que mais produziu e exportou produtos de porcelana para a América. Seu sucesso foi tamanho que outras manufaturas copiavam seus padrões ou produziam com muita semelhança (ZARUCCHI, 2018). Abaixo, podemos observar os detalhes de ambos os objetos pertencente ao acervo MCB e suas semelhanças no padrão floral:

<sup>13</sup> Não é nosso propósito analisar a obra *Woman Bathing (La Toilette)* enquanto obra, portato, seu uso aqui se faz de forma instrumental.



Imagem 6



Detalhe da marca ao fundo do vaso pertencente ao acervo do Museu da Casa Brasileira  
Transcrição: JOHNSON BROS / ENGLAND

Imagem 7



Detalhe da marca no fundo da bacia pertencente ao Acervo do Museu da Casa Brasileira  
Transcrição: J&G MEAKIN. / HAMLEY / ENGLAND

Imagem 8



Foto Chema Llanos

Detalhe do padrão do jarro

Imagem 9



Foto Chema Llanos

Detalhe do padrão da bacia

A partir dessas breves observações, podemos perceber que há uma convergência entre os cuidados com o corpo no que se refere à limpeza (estimulada em parte pela questão sanitária) e a aparência, a compreensão do fisiológico, a necessidade de manter corpo saudável e em bom funcionamento, e o aumento dos processos de individualização da pessoa. Há uma verdadeira educação corporal relacionada à proliferação de novos objetos e móveis como cadeiras, poltronas, canapés, e também ao uso das cadeiras retretes. Esses cuidados consigo próprio acentuam e privilegiam a sensibilidade e um amor por si. O cuidado individual e a atenção dada à casa burguesa como organismo estabilizador da pessoa, acolhedor de seus anseios, meticulosamente organizada através dos elementos de domesticidade, que inclui a decoração, abarcava os objetos relativos à higiene, como os jarros, bacias e retretes.

As práticas de higiene se ajeitam primeiro em locais improvisados ou mais dispersos, mobilizam outros móveis, ou mesmo se escondem neles, até serem sintetizadas em um único espaço, o banheiro. Esse cômodo, no entanto, foi organizado de diferentes formas: cômodo contíguo à casa ou localizado no quintal, e o banheiro interno (PAULILLO, 2017), que reunia as funções de banho e de sanitário, coexistindo por algum tempo diferentes modelos.

## Referências Bibliográficas

ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acesso em: agosto de 2018.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica*. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, vol.8-9, no.1, p. 293-324, 2003.

CORBIN, Alain. Bastidores. In.: PERROT, Michelle. *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FORTY, Adrian. *Objetos do desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LIMA, Tania Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. Manguinhos: História, Ciências, Saúde. Vol. II, n. 3, pp. 44-96, 1995-1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v2n3/a04v2n3.pdf>. Acesso em: agosto de 2018.

MALTA, Marize. *Cultura visual porta adentro e a construção de um olhar decorativo do Século XIX*. Disponível em [https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22\\_Marize\\_Malta.pdf](https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22_Marize_Malta.pdf). Acesso: em setembro de 2018.

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena história de uma ideia*. São Paulo: Record, 1999.

RICE, Charles. *The emergence of the interior*. London, New York: Routledge, 2007.

PAULILLO, Clarissa de Almeida. *Corpo, casa e cidade: três escalas da higiene na consolidação do banheiro na moradia paulistana (1893-1929)*. São Paulo, 2017. Dissertação. Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

VIGARELLO, Georges. *O sentimento de si: história da percepção do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2016

ZARUCCHI, Jeanne Morgan. *The Material Culture Tableware: Sanffordshire pottery e american values*. Bloomsbury Visual Arts, 2018.

---

Wilton Guerra  
Gerente de Preservação Pesquisa e Documentação e Museólogo  
Corem 4R – 251 II